



CURRÍCULO E RESISTÊNCIA: MEDITAÇÃO E PRÁTICAS ORIENTAIS NA ESCOLA

Kátia Batista Martins¹
Julia Salido Alves²
Paula Negreiros de Azeredo³

Resumo

Este estudo tem como base as vivências do Pibid Pedagogia – Gênero e Sexualidade, e tem como objetivo apresentar uma reflexão sobre o currículo como prática de significação e suas possibilidades. A metodologia consistiu em oficinas (CANDAUI, 1999) problematizadas considerando referencial teórico dos Estudos Culturais e pós-estruturalistas. As atividades foram realizadas em uma escola estadual no sul de Minas Gerais, com uma turma de 7º ano, durante as aulas de História. Os conteúdos abordados pela professora regente, tendo como base o livro didático, foram China, Japão e o Budismo. Nesse contexto, o Pibid Pedagogia entra em cena e realiza práticas meditativas com a turma, bem como apresenta aparatos oriundos da China e Japão, entre eles, foi realizado um ritual de chá Chinês.

Palavras-chave: Pibid pedagogia, currículo, educação menor.

Introdução

Este estudo surgiu a partir da disciplina Escola e Currículo, ministrada no segundo semestre de 2017 no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Lavras (UFLA). A partir dos conteúdos estudados no decorrer da disciplina, embasados nas teorias curriculares, foi possível perceber como o currículo orienta os processos educativos e é passível de flexibilização. Assim, este texto, tem como objetivo apresentar práticas vivenciadas em uma escola estadual no Sul de Minas Gerais, por meio do Pibid Pedagogia – Gênero e Sexualidade, entrelaçando aos estudos do currículo. Apresentamos ainda uma análise sobre as práticas vivenciadas com base nos estudos culturais e pós-estruturalistas.


A partir da iniciação à docência, atuamos nas aulas de história ministradas pela Profa. Andrêsa Helena de Lima, com a turma do 7º ano. No segundo semestre de 2017, o livro de

¹ Orientadora. Coordenadora Adjunta do Pibid Pedagogia – Gênero e Sexualidade (2016-18). Universidade Federal de Lavras. Integrante do grupo de pesquisa: relações entre filosofia e educação para a sexualidade na contemporaneidade: a problemática da formação docente, e o Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Infâncias e Educação Infantil - Nedi. katiapedagogiaufcla@gmail.com.

² Bolsista do Pibid Pedagogia – Gênero e Sexualidade (2016-18). Graduanda em Pedagogia. Universidade Federal de Lavras.

³ Bolsista do Pibid Pedagogia – Gênero e Sexualidade (2016-18). Graduanda em Pedagogia. Universidade Federal de Lavras.





história abordou: África, China, Japão e Oriente Médio e suas respectivas religiões. Cada turma escolheu uma religião para desenvolver atividades com o Pibid. A turma em que atuamos, foi a que escolheu o tema do Budismo, que incluía China e Japão.

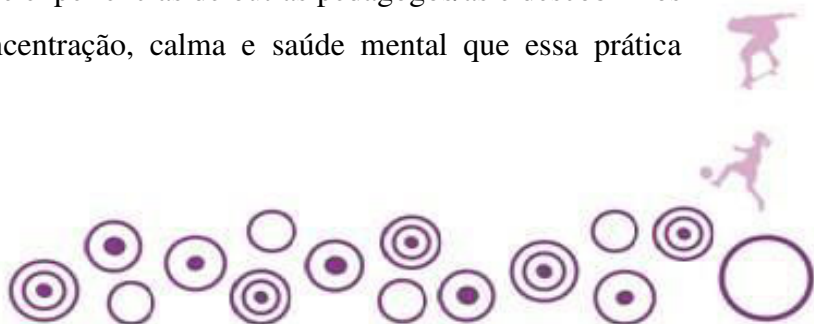
Nesse contexto, o Pibid Pedagogia entrou em cena e foram realizadas práticas meditativas com a turma, bem como apresentados alimentos e jogos oriundos da China e Japão, artes marciais e também foi realizado um ritual de chá Chinês. Foram levantadas questões de gênero e sexualidade de forma a instigar as/os estudantes, que mulheres não podiam meditar, permitindo assim o questionamento sobre o que a mulher representava para a cultura Oriental e como até hoje isso é refletido na sociedade Chinesa e no Budismo. Foram realizadas discussões sobre o porquê homens e mulheres não meditavam no mesmo espaço. Desse modo, observamos questões de indisciplina e propusemos uma reeducação dos corpos por meio das práticas meditativas orientais dentro da realidade escolar.


Com base em referenciais pós-estruturalistas, foi analisada a disciplina dos corpos e a possibilidade de resistência na sala de aula por meio do exercício da militância e das relações de poder, da reinvenção do currículo no micro espaço. Desse modo, a análise em tela se ancora ainda no conceito de educação menor, aquela exercida no micro espaço da sala de aula, como aponta o filósofo Silvio Gallo (2002), que se entrelaça às relações de poder existentes no currículo. Destarte, analisamos a experiência como aquilo que nos toca e impulsiona, para atuar no micro espaço da sala de aula provocando pequenas revoluções diárias.

A cultura como pedagogia, a pedagogia como cultura

Tomaz Tadeu (2011, p. 139), ao discorrer sobre as teorias do currículo aponta que “Tal como a educação, as outras instâncias culturais também são pedagógicas, também tem uma “pedagogia”, também ensinam alguma coisa”. Desse modo, ao tratar dos conteúdos apontados no livro didático sobre culturas orientais, a equipe do Pibid não apenas reproduziu as informações disponíveis, mas, sobretudo, possibilitou novas experiências por meio de práticas meditativas daquele povo.

Inicialmente as/os estudantes tiveram muita empolgação em relação à meditação, foram muitos pedidos para que houvesse a prática. Assim começamos a estudar sobre a meditação para jovens, pesquisamos sobre experiências de outros pedagogos/as e descobrimos inúmeros efeitos favoráveis para a concentração, calma e saúde mental que essa prática poderia oferecer aos/as estudantes.





Marilu Martinelli (1999, p. 42), afirma que: “O desenvolvimento dos sentidos externos e a percepção dos sentidos internos exploram a capacidade de compreensão e a criatividade”. Pudemos perceber que a prática da meditação, além de aproximar a realidade dos/as estudantes da cultura oriental, ainda pode trazer benefícios para o conhecimento do próprio corpo e o desenvolvimento das capacidades de compreender os sentidos e de criar.

Na primeira aula, o modo como abordamos a turma, para sair de seus lugares, para sentar no chão em círculo, olhando de igual para igual professoras e estudantes, tirou o habitual da turma. Normalmente há uma figura (professora) que controla a sala, não permitindo que ninguém saia de sua carteira. Como nos mostra Foucault: “clausuramento, vigilância, recompensa e punição, a hierarquia piramidal” (FOUCAULT, 1995, p. 241).

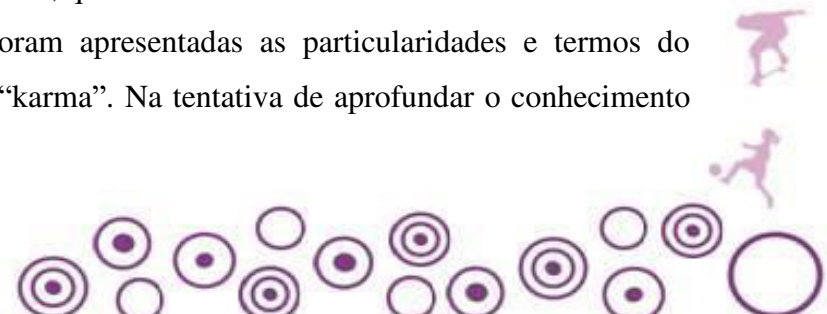
Na contramão, quando apresentamos uma situação diferente, deixamos alguns estudantes em estado de confusão e não aceitação. Vemos a produção de indivíduos, do poder normalizador e disciplinar que Foucault nos fala. Espaços de liberdade e de resistência, para possibilitar novas experiências e significações, assim como proporcionar momentos de alegria e prazer neste contexto de controle e domínio. Permitir mais liberdade e mais sentido na aprendizagem do conteúdo de História “China e Japão”, entrelaçando as questões que perpassam gênero e sexualidade, foram o nosso desafio.


As oficinas e o currículo como forma de resistência e significação

A metodologia utilizada foram oficinas para possibilitar a participação, interação e envolvimento de todos/as, de forma que as atividades proporcionassem práticas significativas. O conceito de oficina entendido neste estudo compreende oficina como um espaço coletivo no qual acontece desconstrução e (re)construção de saberes no compartilhar e na socialização de experiências e conhecimentos, estimulando a reflexão sobre o que as pessoas envolvidas fazem em seu cotidiano (CANDAU, 1999).

Para a problematização das experiências advindas das oficinas, salientamos que neste estudo abarcamos o currículo como prática de significação, conforme anunciado e problematizado por Silva (1999). Assim, as oficinas foram pensadas na perspectiva de instigar novas práticas, possibilidades, significações e novas perguntas. Logo, a partir dos temas propostos no livro didático, fizemos uma aula introdutória com uma contação de história sobre a vida de Siddhartha Gautama, o Buda, que deu início a doutrina Budista.

Após a contação de história, foram apresentadas as particularidades e termos do Budismo como, “samsara” “dharma” e “karma”. Na tentativa de aprofundar o conhecimento de quem foi Buda e o que é o Budismo.





No fim da aula servimos um suco de limão com a alga japonesa Spirulina, considerada um superalimento por seus valores nutricionais, e muito presente na cultura oriental. As/os estudantes ficaram muito interessados em saber mais sobre a alga, como se preparava e onde se comercializa a Spirulina.

Nessa oficina, percebemos o quanto são inúmeros os espaços de resistência que o próprio currículo nos permite estar. Com o Pibid Pedagogia, tivemos a oportunidade de ampliar o campo de ação e de conhecimento deste conteúdo, assim como proporcionar que as/os estudantes construíssem seus próprios conhecimentos a partir da experiência de vivenciar práticas desta cultura que muitas vezes aparenta ser tão distante da nossa.

As/os estudantes solicitaram que realizássemos com eles uma prática de meditação. Era o que mais conheciam sobre o Budismo e também o que mais tinham interesse em experienciar. Sendo assim, realizamos na segunda oficina uma prática meditativa guiada, ou seja, uma pessoa usa a fala para guiar os pensamentos da outra pessoa que escuta, na intenção de proporcionar bem estar, equilíbrio e autoconhecimento.

Realizamos a prática no pátio da escola. A oficina foi iniciada com música meditativa e incenso para criar um ambiente mais próximo daquele vivido numa na meditação budista. Ao realizarmos esta atividade percebemos quão valioso era este momento. Não apenas pela prática meditativa, mas por proporcionar que algo assim acontecesse dentro de uma escola pública, com estudantes que muitas vezes estão em situação de vulnerabilidade econômica ou de outra natureza.






Figuras 1 e 2: Oficina na escola.
Fonte: Própria.

Ao iniciar a prática observamos que meninas e meninos sentavam cada um de um lado, ficando assim bem parecido com a história contada na oficina anterior, na qual mulheres e homens se separavam para meditar. Problematizamos. O espaço de resistência criado pela oficina fica evidente quando percebemos que este tipo de atividade não faz parte do conhecimento difundido nas escolas públicas. Isso porque o budismo está previsto no currículo, mas a apropriação e aproximação deste conteúdo é apenas livresca.

Nas duas oficinas seguintes a proposta foi jogar o jogo de xadrez e a meditação através da pintura de mandalas. O Xadrez foi escolhido pelos/as estudantes, pois havia campeões de xadrez na sala e também a maioria conhecia o jogo e as regras, ao contrário de nós bolsistas e professoras que não sabíamos jogar. Assim, a oficina acabou sendo guiada por eles/as, contrariando o modelo tradicional de ensino e currículo. Com as mandalas não foi diferente, isso porque colorir e aplicar metodologias lúdicas a partir do ensino fundamental II não é habitual. Na oficina seguinte a temática foi a diversidade religiosa, tendo o Budismo como tema disparador.





Por meio destas oficinas foi possível criar espaços de significação do currículo e garantir que não fosse apenas mais um conteúdo do livro didático. Mas, de dar sentido aquilo que está no livro. Silva (1999) explica a importância de se pensar o currículo como espaço de significação e produção: “O currículo, tal como a cultura, é uma zona de produtividade. Essa produtividade, entretanto, não pode ser desvinculada do caráter social dos processos e das práticas de significação” (SILVA, 1999, p. 21).

A experiência como fonte de saber: a cerimônia do chá

Foi planejada e realizada uma nova meditação guiada. Portanto, pensamos em realizar outra forma de meditação oriunda das culturas orientais, para criar um ambiente e prática mais propícios para que eles pudessem ser tocados pela experiência de meditar.

E era essa a intenção, proporcionar um saber, o saber que era meditar sendo tocados/as pela experiência da meditação, não apenas ler num livro sobre ela, mas conhecer e experimentar a meditação para dar um sentido a ela. Foi então que aconteceu a parceria com Raul Assunção, que pratica e realiza a cerimônia do chá, produzido na China. Este que é um ritual chinês milenar que tem como auxílio da meditação a confecção e ingestão de um chá. Conseguimos organizar para levar as crianças em um outro espaço, mais tranquilo. Se trata de uma área verde, em contato com a natureza. Esse espaço fica há duas quadras da escola, a Ecolândia. Uma área de preservação da polícia florestal.





Figuras 3 e 4: Prática meditativa acompanhada da cerimônia do Chá Chinês, organizada pelas bolsistas do Pibid em parceria com especialista na área. Fonte: Própria.


A cerimônia do chá possibilitou a experiência da meditação e tocou cada um que estava presente. Desencadeou inúmeras manifestações de alegria, satisfação, respeito e coletividade por parte das/dos estudantes e entre eles. E foi com esta atividade prática que encerramos nossas oficinas com a turma.

Gênero e sexualidade no budismo

Entrelaçamos questões de gênero e sexualidade ao conteúdo de estudo da turma. Para o tema em tela, apresentamos o modo como as mulheres eram vistas dentro do Budismo e como atualmente está a situação das mesmas nesses países.

Foi contada a história do Buda Siddhartha Gautama para a turma. Nela abordamos que as mulheres não podiam meditar. Já que para entrar em estado de meditação, a pessoa precisa se desligar de todas suas vontades mundanas, como apegos, desejos, estresse, ansiedade e tudo mais que afastasse os homens do que é considerado sagrado.





Assim como forma de possibilitar que esta barreira entre os gêneros pudesse ser enfraquecida, sugeríamos sempre rodas intercaladas com um menino e uma menina sentados lado a lado. E não como algo forçado, mas se eles próprios não achavam uma atitude sexista as mulheres meditarem separadas dos homens, porque eles mesmos reproduziam isso?

Por fim na oficina do chá pudemos perceber todos interagindo com proximidade e empatia. E percebemos não mais uma turma dividida em partes distintas, mas um coletivo que representava toda a turma. Isso nos faz perceber quão importante é o sentido que damos para aquilo que ensinamos, pois passa a fazer parte dos sujeitos. Não mais algo imposto ou apenas aprendido, mas algo que faz sentido para ele e tem significado em sua vida social.

Significar é resistência, é militância nas experiências

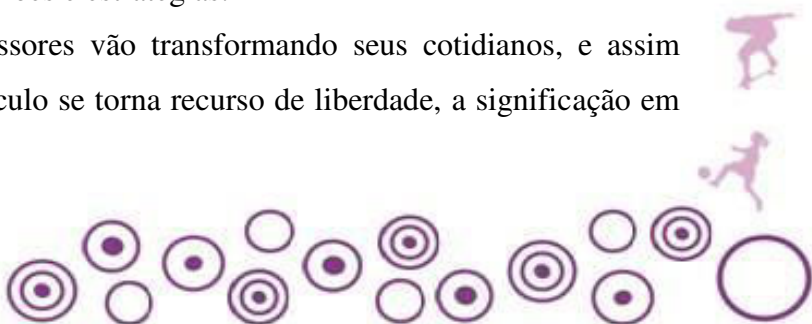
Resistimos ao ampliar o campo de ação do currículo, ampliar o foco além daquilo que está previsto, criar um campo de experiência e possibilitar o saber da experiência. Saber este que nos toca e nos transforma. E Larrosa (2002) explica a importância dessa experiência que nos toca na construção do conhecimento e dos sujeitos. A maneira que cada um vai respondendo à experiência e que vai construindo o conhecimento é o saber da experiência.


Percebemos então uma relação entre o que Silva (1999) nos diz sobre a significação do currículo e o que Larrosa (2002) nos aponta como sendo o saber da experiência. Isso porque para Silva é fundamental a significação do conteúdo que está sendo discutido para que assim aconteça a apropriação do conhecimento. E para Larrosa, para que este conhecimento faça sentido para o sujeito, ele precisa ser tocado pela experiência e por ela assim, ser transformado.

A sala de aula é este espaço, o micro espaço de resistência para as pequenas revoluções diárias, e nela que a escola realmente acontece, é nela que o/a professor/a tem seu campo de ação e resistência.

Silvio Gallo (2002), chama esse profissional, de professor militante. Ele desloca para educação o conceito de literatura menor de Deleuze e Guatarri, e pensa em uma educação menor, aquela para além das instituições e hierarquias presentes no contexto educacional. Educação menor é uma ação de resistência. Ao assumir esta militância a/o professor/a estará agindo para um coletivo, para garantir as multiplicidades que decorrem das experiências de aprender, para possibilitar inúmeras conexões e estratégias.

Desta forma, estudantes e professores vão transformando seus cotidianos, e assim transformam também a escola. E o currículo se torna recurso de liberdade, a significação em





um espaço de resistência e a experiência uma ação que garante um sentido único em cada sujeito.

Referências

BONDIA, Jorge L. “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 19, p.19-28, Apr. 2002.

FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. Michel **Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Trad. Vera Portocarrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

GALLO, Sílvio. O compromisso do profissional com a sociedade. In: _____. Educação e mudança. 34ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011. Em torno de uma educação menor. **Educação e Realidade**, 27 (2), jul./dez/2002, p. 169-178.

MARTINELLI, Marilu. **Conversando sobre educação em valores humanos**. Editora Fundação Peirópolis, 1999. 137p

SILVA, Tadeu T. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 120p.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catlogação na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira

Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

